

# Pós-Modernidade: subsídios para refletir sobre a educação

Martha D'Angelo

Palavras-chave:  
pós-modernidade; políticas  
globais; Estados nacionais; novas  
tecnologias; ensino universitário.

## Resumo

Apresenta as principais teses sobre pós-modernidade, destacando divergências e convergências entre elas e alguns aspectos que atingem mais diretamente a educação. Trata-se de um estudo preliminar visando à identificação de problemas que devem ser pensados e debatidos pelos pesquisadores com mais profundidade.

*O que está acontecendo?  
O mundo está ao contrário  
e ninguém reparou.*  
NANDO REIS

A ruptura decisiva entre a modernidade e a pós-modernidade aconteceu, segundo Jean François Lyotard, a partir de 1950, com a mudança no estatuto do saber ocorrida após o ingresso das sociedades na era pós-industrial. Resumindo o caráter dessa mudança de estatuto, Lyotard (1989, p. 12) admite: "simplificando ao extremo, considera-se que o 'pós-moderno' é a incredulidade em relação às metanarrativas". Ao desuso desse dispositivo de legitimação da ciência corresponde a crise da filosofia metafísica e da instituição universitária que dela dependia. Com a incidência das transformações tecnológicas e da informática, tudo o que no saber constituído não puder ser traduzido para a linguagem de máquina tende a desaparecer. O declínio das metanarrativas está associado, portanto, ao domínio da linguagem da informática. O conhecimento desta tecnologia constitui uma condição indispensável para a circulação e legitimação dos saberes. De acordo com Lyotard, alguns saberes que circulam em torno da filosofia sobreviverão, mais ou

menos como as línguas mortas sobrevivem até hoje.

O critério que sustenta a articulação saber/poder e a hegemonia da linguagem da informática é o da *performatividade*. Este critério conduz a uma nova forma de ligação entre as grandes empresas, o poder público e a sociedade civil. A legitimação dos saberes segundo o princípio de desempenho e eficiência (performatividade) não pode ser dissociada do fim das grandes utopias e da corrosão do Estado-Nação moderno. Exemplificando, uma forma de conflito entre o Estado-Nação, as grandes empresas e a sociedade civil, encontramos a seguinte passagem em *A condição pós-moderna*:

Admitamos, por exemplo, que uma firma como a IBM seja autorizada a ocupar uma banda do campo orbital da terra para aí colocar satélites de comunicação e/ou bancos de dados. Quem terá acesso a eles? Será o Estado? Ou será um utilizador entre outros? Colocam-se assim novos problemas de direito e através deles a questão: quem poderá saber? (Lyotard, 1989, p. 21)

Para essas perguntas, não encontramos nos escritos de Lyotard uma resposta, ou um esforço nesse sentido. Mas, as análises de Noam Chomsky sobre as relações das

grandes empresas com o Estado norte-americano respondem, em alguma medida, a essa questão. Tomando Thomas Ferguson como referência, Chomsky (1997, p. 11) afirma que desde o século 19 são as coalizões de investidores que mandam no mundo. A sua tese da incompatibilidade das empresas com a democracia real, e não apenas formal, tem fundamento nessas análises.

Uma outra abordagem sobre a relação público/privado e a erosão do Estado-Nação é a de Baumann (1999). Ele observa, por exemplo, que as funções de impor barreiras alfandegárias ou estimulação estatal keynesiana de demanda interna estão, hoje, muito além do alcance e das ambições da imensa maioria dos Estados. Num mundo em que o capital circula com uma velocidade cada vez maior, visando a um máximo de rentabilidade num prazo mais curto possível, os fluxos financeiros escapam ao controle dos governos nacionais. No mundo "globalizado", a tecnologia tem proporcionado mais vantagens para o capital do que para a vida da imensa maioria da população. Baumann chama a atenção também para um ensaio de Mark Poter, onde os bancos de dados eletrônicos são apresentados como uma versão ciberespacial atualizada do pan-óptico, e para as críticas de Thomas Mathiesen a Foucault por não ter observado a nova técnica de poder que consiste em muitos observarem poucos. Os poucos observados são as celebridades do mundo da política, do esporte, do espetáculo e da ciência. Os bancos de dados mantêm sob controle apenas as celebridades e os consumidores confiáveis e dignos de crédito, eliminando todo o restante, que não deve ser levado em conta no jogo do consumo simplesmente pelo fato de não existir nada digno de nota sobre suas transações. A mobilidade do capital e das pessoas físicas na pós-modernidade foi resumida por Baumann (1999, p. 25) nos seguintes termos: "alguns podem agora se mover para fora da localidade – qualquer localidade – quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés".

Na verdade, o que mudou na pós-modernidade em relação aos Estados nacionais é a forma como cada Estado disputa o mercado mundial. Nesse jogo de poder, a agressividade do império norte-americano em suas tentativas de expansão vem aumentando significativamente desde os atentados de 11 de setembro. As invasões do

Afeganistão e do Iraque demonstram isso. Por outro lado, os protestos na Europa e nos Estados Unidos contra a globalização, o descrédito da ONU como organismo de poder e decisão, e o descompasso entre os governos europeus que apoiaram a invasão e a população que eles formalmente representam, demonstram a fragilidade das instituições que sustentam as democracias burguesas e a dificuldade dos países hegemônicos de garantir a governabilidade do mundo. Sem dúvida, o enfraquecimento de muitos Estados na pós-modernidade é inseparável das estratégias de fortalecimento dos países imperialistas e integrantes do G8, na defesa de seus próprios interesses.

No âmbito da educação, as políticas globais impulsionadas pelo grande capital internacional manifestam-se em medidas como a classificação da educação como mercadoria pela Organização Mundial do Comércio (OMC), a regulamentação das patentes e o controle do acesso aos conhecimentos patenteados. A OMC pretende incluir entre as 12 áreas de atividade do GATS (Acordo Geral sobre o Comércio e Serviços) a educação. Segundo a avaliação de Gabriel Rodrigues, presidente do Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior do Brasil (Semesp), as consequências dessa inclusão serão terríveis:

Na prática, todos os países perderiam o direito de decidir soberanamente sobre a formação dos seus cidadãos, por um simples motivo: o país que descumprir os compromissos firmados dentro da OMC poderá ser condenado a pagar indenização aos empresários ou industriais da educação que se considerarem prejudicados, ficando ainda sujeito a represálias dos países provedores de ensino, em particular do ensino por Internet. Trata-se de uma disfunção da globalização – que alguns especialistas denominam suicídio institucional – a maneira como o assunto vem sendo conduzido pelas agências internacionais de financiamento, em particular o Banco Mundial e a OMC, cujo poder de regulamentação chega a ser quase incontestável e em cujo tribunal os países emergentes nem sempre são ouvidos (revista *Educação*, do Semesp, abril de 2003).

A estratégia de classificação da educação como mercadoria pela OMC conta com o apoio mais efetivo dos Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia. Apesar de muitas organizações universitárias de grande expressão em todo mundo terem emitido

uma nota conjunta em setembro de 2001, contra as pretensões da OMC, a iniciativa está sendo levada adiante. Houve uma primeira rodada de negociações em março de 2003, quando os países participantes apresentaram suas propostas para a abertura dos setores de serviços. A segunda rodada está prevista para janeiro de 2005. A possibilidade de os países que controlam a OMC desconsiderarem os demais nessas negociações é bastante grande. Vários aspectos são preocupantes nas propostas do GATS, sobretudo a exigência de reconhecimento internacional dos diplomas por meio de uma central global de diplomação controlada pela OMC.

Um aspecto que diferencia muito as análises de Lyotard das de Chomsky e Baumann sobre o Estado é a aparente ausência de envolvimento do primeiro com o tema. Os acontecimentos são apresentados por Lyotard de modo quase fatalista, como "dados de realidade" sobre os quais não cabe nenhuma intervenção. Isto é muito visível, por exemplo, em relação ao critério de performatividade e seu impacto na educação. O predomínio dele no âmbito da pesquisa e do ensino é apresentado como um fato consumado. Lyotard (1989, p. 99) considera que a transmissão de saberes na pós-modernidade já não visa à formação de uma elite (sic) capaz de guiar a Nação, seu principal objetivo é fornecer ao sistema técnicos capazes de assegurar às instituições os "jogadores" de que elas necessitam. O ensino superior, especificamente, privilegiará a formação de uma *intelligentsia* profissional.

As críticas mais contundentes a Lyotard foram feitas por Perry Anderson em seu estudo sobre "As Origens da Pós-Modernidade". Nele fica atribuído a Lyotard o crédito de ter sido o primeiro a pensar a pós-modernidade como uma mudança radical na condição humana, mas Perry Anderson (1999, p. 33) reconhece, também, que a influência de Lyotard cresceu na proporção inversa do seu interesse intelectual. "A condição pós-moderna tornou-se inspiração para um relativismo vulgar que, tanto aos olhos dos amigos quanto dos inimigos, passa por ser a marca do pós-modernismo."

O objetivo principal da crítica de Perry Anderson é mostrar o hedonismo niilista que perpassa as análises de Lyotard, e o alvo político a ser atingido. "Com A condição pós-moderna, Lyotard anunciou o eclipse de todas as narrativas grandiosas. Aquela cuja morte ele procurava atingir acima de

tudo era, claro, a do socialismo clássico." (Anderson, 1999, p. 39) A ausência de maiores considerações sobre as análises de Lyotard na crítica de Perry Anderson está relacionada a uma avaliação mais geral sobre a inconsistência teórica e política destas análises.

À perspectiva de Lyotard e Habermas Perry Anderson contrapõe-se a de Frederic Jameson, atribuindo-lhe o registro mais rico e abrangente da cultura que veio a ser conhecida como pós-moderna. A intervenção de Jameson sobre a pós-modernidade enfrenta diretamente aspectos problemáticos do marxismo e as críticas a ele dirigidas pelos estruturalistas e pós-estruturalistas. A questão de descentramento do sujeito e da possibilidade de representação conceitual da totalidade do real são abordadas em profundidade. Jameson considera que o marxismo ainda é o referencial teórico mais consistente para a compreensão do mundo contemporâneo.

Tomando como referência a caracterização de Ernest Mandel sobre o capitalismo avançado, Jameson procura articular as mudanças objetivas na ordem capitalista mundial ao conceito de pós-modernidade. Três momentos sucessivos marcam essas mudanças: o capitalismo de mercado, mais voltado para os espaços nacionais, o monopolista, preocupado em anexar outros mercados, e o multinacional, que hoje envolve a maior parte do planeta. Esse último, ao revelar de forma mais pura a natureza do capitalismo, reafirma as análises de Marx sobre a lógica do capital. Segundo Mandel, correspondem a essas três fases de desenvolvimento do capital, três estágios de desenvolvimento tecnológico: o de motores a vapor, o de motores elétricos e de combustão e o de motores eletrônicos e nucleares.

Baseado em uma periodização similar, Tamás Szmrecsányi revela em seus estudos sobre a história econômica da ciência e da tecnologia que é na época dos motores a vapor que se inicia a expansão das pesquisas no ensino superior, assim como a profissionalização das ciências e das técnicas nas universidades e nas grandes empresas dos países mais avançados. Cientistas, engenheiros e técnicos deixam de ser amadores esclarecidos e entusiastas e tornam-se profissionais qualificados e reconhecidos por uma formação universitária, cada vez mais específica e exigente, diretamente supervisionada pelo Estado, pelas empresas, e pelos próprios pesquisadores. Foi em

1840, pelas reformas do ensino universitário na Alemanha, iniciadas por Alexander Von Humboldt, que pela primeira vez se enunciou o princípio formal da unidade entre a pesquisa e o ensino. Nos países mais avançados, a progressiva incorporação da pesquisa no ensino, e sobretudo no sistema produtivo, instituiu uma relação de interdependência entre ciência e técnica que desembocou na segunda Revolução Industrial, no desenvolvimento dos motores elétricos e de combustão, e na substituição do ferro pelo aço. Nesse período, as empresas começam a criar seus próprios laboratórios de pesquisa, visando por meio deles posicionarem-se de maneira mais agressiva nas disputas por mercados. Todos esses antecedentes conduziram o desenvolvimento científico e tecnológico ao estágio atual de ampliação e expansão das desigualdades entre os países, aspecto que, entre outros, reforçam a tese de Habermas da ciência e da técnica como ideologia.

Ancorando-se nas caracterizações de Mandel, Jameson passa a considerar a pós-modernidade como uma virada, ao mesmo tempo, econômica, tecnológica, epistemológica e estética. Conectada a esta análise, uma segunda referência fundamental no quadro teórico de Jameson é o trabalho de Baudrillard sobre a importância do simulacro no imaginário cultural das sociedades capitalistas contemporâneas. Baudrillard entende que na modernidade os investimentos libidinais sobre os objetos supõem a existência de uma intimidade e uma interioridade próprias à "sociedade do espetáculo". No drama moderno a interioridade sucumbia a um sistema delirante, na pós-modernidade não há mais interioridade, as subjetividades são produzidas de modo mais industrial e eficiente, correspondendo à lógica do atual estágio do capital. O excesso de comunicação, paradoxalmente, provocou o colapso da comunicação humana. Não há mais a divisão essência/aparência em nenhuma das variedades pensadas pela filosofia. Toda "realidade" visível resume-se ao universo de imagens produzido pelas redes de informação. A era moderna de esplendor do sujeito autoconsciente deu lugar na pós-modernidade à supremacia total do objeto. Reduzido a algo próximo do homem unidimensional de Marcuse, o sujeito moderno não teria conseguido escapar à sedução do objeto e à fetichização generalizada das imagens. A vontade de

saber e de poder, tal como definida por Bacon, também foi substituída por uma vontade de espetáculo e de ilusão. Deste mundo de sombras, desta nova caverna, só se pode sair de uma forma, "só existe uma estratégia fatal: a teoria" (Baudrillard, 1983, p. 201).

A correlação entre as transformações do capital (Mandel) e as novas subjetividades (Baudrillard) permitiu a Jameson uma ressignificação do conceito de luta de classes. Na pós-modernidade, a sociedade de classes se mantém, mas nenhuma classe dentro do sistema continua sendo a mesma de antes. Nesse caso, podemos dizer que a manutenção da vitalidade do pensamento de Marx requer um corajoso enfrentamento com o cotidiano da história. Não nos moldes de uma "história das mentalidades", mas numa perspectiva onde a micro e a macrohistória, as dimensões subjetivas e objetivas, interpenetram-se.

Para os educadores, principalmente, a questão das subjetividades é fundamental. Os questionamentos feitos pelos teóricos pós-modernos à existência de uma consciência racional centrada não devem ser desconsiderados, pois, como observou Tomaz Tadeu Silva, esta noção está sempre subjacente a muitas análises que circulam na literatura educacional. Ainda é comum a suposição de que a consciência supõe apenas dois estados:

De um lado, teríamos o sujeito alienado, inconsciente das determinações sociais de sua alienação, preso às ilusões da ideologia dominante. De outro, o sujeito consciente, lúcido em relação à determinação externa de sua vida e destino social. É esta, por exemplo, a noção implícita nos conceitos de consciência ingênua e consciência crítica de Paulo Freire (vejam aí os dois estados). Não é muito diferente a noção que está implícita na socioanálise de Pierre Bourdieu (Silva, 1993, p. 129).

Quase toda literatura de crítica "moderna" da educação mantém-se presa a um certo maniqueísmo, seja ao analisar os efeitos da dominação (sujeito alienado) seja ao apontar as condições e as possibilidades de resistência à dominação (sujeito consciente). Uma das raras tentativas de escapar dessa polarização foi feita por Paul Willis pelo conceito de "penetração parcial". O arcabouço da noção de sujeito centrado e autoconsciente, e o esquematismo da divisão das consciências concernente a ele, é

perigoso não apenas por uma questão de sintonia com o mundo atual ou por falta de rigor, mas, sobretudo, porque conduz a uma prepotência epistemológica freqüentemente encoberta por nobres ideais de "conscientização". Tanto no âmbito da escola quanto no dos partidos políticos, a divisão das consciências nesses dois pólos reforça as relações assimétricas e autoritárias.

A questão das "consciências" também perpassa a reflexão sobre o erro político, tema que, segundo Gabriel Cohn, foi abordado somente por Gramsci, de maneira muito rápida, e André Gorz, em suas considerações sobre determinismo e liberdade na história. Contrapondo-se a todas as concepções que enfatizam os determinismos, e reforçando a ação livre como pano de fundo da história, Gorz chega a admitir a possibilidade, em algumas circunstâncias, de uma total inversão entre a dimensão subjetiva e a dimensão objetiva. Esta inversão pode significar a reabilitação do erro político, ou o reconhecimento desse "erro" como uma opção legítima. É possível que, diante de determinadas condições objetivas, se faça uma opção de alto risco, ou até mesmo suicida. Por que serei obrigado a aceitar o que as condições objetivas tentam me impor?

Eu posso preferir morrer lutando. Mesmo que me demonstrem que todas as determinações objetivas levam a isso, eu não sou obrigado a aceitar. Quer dizer, não adianta me mostrar que existe um sentido inscrito na história. É preciso também que eu o aceite (Cohn, 1995, p. 26).

Partindo desse ponto de vista, atitudes como as dos homens-bomba palestinos, ou os suicídios em cadeia dos guarani kaiowá do Brasil e do Paraguai, adquirem um caráter diferente das interpretações correntes de fanatismo religioso. Trata-se, nos dois casos, de uma decisão pensada previamente, tomada numa situação limite, visando à afirmação de uma identidade cultural.

A questão do suicídio, e o impacto gerado nas subjetividades pelo bombardeio da informação, são temas abordados também com muita profundidade em alguns ensaios de Walter Benjamin. Ao dizer que *a modernidade deve estar sob o signo do suicídio*, Benjamin não estava, evidentemente, cunhando uma frase de efeito. Tratava-se, tão-somente, de admitir que no capitalismo essa opção nunca pode ser desconsiderada; o suicídio pode ser a última forma de resistência ao embrutecimento

humano típico da modernidade; nesse caso, ele não deve ser considerado como fuga ou covardia diante da vida. Não foi por acaso que o suicídio tornou-se um fenômeno social no século 19, e tema de um dos grandes clássicos da sociologia. A escolha de um assunto aparentemente tão subjetivo por Durkheim não pode ser dissociada da luta de vida ou morte que se trava permanentemente entre as classes sociais no capitalismo, principalmente nos momentos em que ela se torna mais cruel e mais decisiva.

A respeito do problema da comunicação, e a emergência de uma nova subjetividade no capitalismo, encontramos um farto material de análise nos estudos dos frankfurtianos de uma maneira geral. Em um trecho de *Rua de mão única*, de Walter Benjamin, há uma passagem que sugere uma aproximação com o tipo de sensibilidade e realidade que Baudrillard veio a chamar de pós-moderna:

A liberdade do diálogo está-se perdendo. Se antes, entre seres humanos em diálogo, a consideração pelo parceiro era natural, ela é agora substituída pela pergunta sobre o preço de seus sapatos ou de seu guarda-chuva. Fatalmente impõe-se, em toda conversação em sociedades, o tema das condições de vida, do dinheiro. No caso, trata-se não tanto das preocupações e dos sofrimentos dos indivíduos, nos quais talvez pudessem ajudar um ao outro, quanto da consideração do todo. É como se se estivesse aprisionado em um teatro e se fosse obrigado a seguir a peça que está no palco, queira-se ou não, obrigado a fazer dela sempre de novo, queira-se ou não, objeto do pensamento e da fala (Benjamin, 1995, p. 23).

Uma crítica freqüente às análises de Baudrillard, presente em Svi Shapiro, por exemplo, é a de que a sua forma de abordar a realidade é fria e desprovida de indignação.

O próprio Baudrillard parece ver sua própria caracterização da sociedade com uma atitude que está entre um distanciamento cínico e o humor de quem vê o que está fazendo como uma brincadeira intelectual (Shapiro, 1993, p. 107).

Ha um certo exagero nessa observação, mas, ainda que a atitude de Baudrillard seja de indiferença, e que ele não consiga apontar nenhuma saída para os conflitos do mundo contemporâneo, a sua análise não deve ser ignorada; é preciso verificar até que

ponto essa análise corresponde à realidade. Se ela for consistente em alguma medida poderá contribuir para o amadurecimento político da sociedade.

A variedade de discursos no âmbito do referencial teórico considerado pós-moderno não pode ser nem descartada nem incorporada em bloco. A despeito de suas limitações e inconsistências, os pós-modernos apresentaram questões que ainda não foram de todo respondidas. Apreendida de forma crítica, a produção desses intelectuais pode revitalizar aspectos da teoria marxista que envelheceram e precisam ser repensados. Os binômios razão/história, base/superestrutura e condições objetivas/condições subjetivas, são exemplos nesse sentido. Tentando definir mais claramente a posição dos intelectuais mais representativos, envolvidos neste breve estudo sobre pós-modernidade, podemos incluir entre os mais críticos às teses pós-modernas: Habermas, Perry Anderson e Terry Eagleton. Frederic Jameson, Stuart Hall e Henry Giroux têm uma avaliação menos negativa, chegando, inclusive, a incorporar elementos do discurso pós-moderno. Foucault, antes de morrer, reviu seu entusiasmo inicial; Lyotard pode ser considerado seu representante mais assumido, e Baudrillard um caso excepcional, pois, embora suas idéias tenham contribuído muito

para uma conceituação do pós-moderno, e seu estilo esteja muito afinado com esta corrente, ele faz questão de não ser incluído nela.

Um balanço sério das contribuições dos intelectuais pós-modernos deve confrontar suas teses centrais com a de seus opositores e a realidade. Segundo minha avaliação pessoal, as idéias que atingem mais diretamente a educação, e merecem ser discutidas e avaliadas mais atentamente são:

- 1) O impacto da linguagem da informática na reorganização dos saberes e das disciplinas acadêmicas.
- 2) A hipótese do fim das metanarrativas e suas implicações na articulação entre fins e valores da educação.
- 3) As formas atuais de legitimação do conhecimento, o papel das universidades, das empresas e das instituições financiadoras de pesquisa nesse processo.
- 4) A construção de novas subjetividades e as possibilidades nela inscritas de democratização da sociedade. Entendendo por democracia não tanto seu aspecto formal, mas a possibilidade efetiva de a maioria da população participar das decisões que orientam as políticas públicas.

---

## Referências bibliográficas

ANDERSON, Perry. *A Crise da Crise do Marxismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. *Les Stratégies Fatales*. Paris: Grasset & Fasquelle, 1983.

BAUMANN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 1).

\_\_\_\_\_. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras Escolhidas; v. 2).

CHOMSKY, Noam. *Segredos, Mentiras e Democracia*. Brasília: Ed. UnB, 1997.

COHN, Gabriel. Razão e História. In: LIBERALISMO e socialismo: velhos e novos paradigmas. São Paulo: Ed. Unesp, 1995. (Seminários e Debates).

EAGLETON, Terry. *As Ilusões do Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GIROUX, Henry. O Pós-Modernismo e o discurso da Crítica Educacional. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JAMESON, Frederic. *Marxismo e Forma*. São Paulo: Hucitec, 1985.

\_\_\_\_\_. *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios de Frederic Jameson*. Organização e tradução: Ana Lúcia Almeida Gazolla. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, [19--].

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1989.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SZMRECSÁNYI, Támaz. Esboços de História da Ciência e da Tecnologia. In: SOARES, Luiz Carlos (Org.). *Da Revolução Científica à Big (Business) Science*. São Paulo: Hucitec, Niterói: EdUFF, 2001.

SHAPIRO, Svi. O fim da esperança radical? O Pós-Modernismo e o desafio à Pedagogia Crítica. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

---

Martha D'Angelo, doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é professora de Filosofia da Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

---

## **Abstract**

*The objective of this work is to present the main theses about post-modernity, detaching divergences and convergences between them and some aspects that reach the education more directly. It is about a preliminary study seeking to identify problems that should be deeply thought and discussed by researchers.*

*Keywords: post-modernity; global politics/National States; new technologies; academic teaching.*

---

Recebido em 26 de maio de 2003.

Aprovado em 20 de outubro de 2003.